

# SERVIÇO CÍVICO

O QUÊ ?  
AO SERVIÇO  
DE QUÊM ?

OU

4

saída organizada - 0 -

# NEIP



**1.** A posição dos NEIP, face ao ingresso dos alunos do 1º ano na Universidade, tem sido clara:

- DEFENDEMOS A ENTRADA DOS 28.000 ESTUDANTES NA UNIVERSIDADE
- NEGAMOS O SERVIÇO CIVICO DO MEC
- MAS DEFENDEMOS UMA SAIDA ORGANIZADA DE TODOS OS ESTUDANTES DAS ESCOLAS

- porque apuramos claramente e na prática que os estudantes não se recusam a sair do seu guetto.

- porque é chegado o momento de por-mos frontalmente em causa as estruturas do ensino capitalista

- porque num momento em que um amplo movimento de massas se ergue contra os despedimentos contra o custo de vida, contra a reacção capitalista. Os estudantes têm de recusar ficar fechados nas escolas têm que sair para a rua colocando todas as suas disponibilidades e potencialidades ao serviço dos trabalhadores pela sua emancipação pelo socialismo.

**2.** Esta perspectiva foi criticada a vários níveis: para uns seria como que um novo serviço cívico encapotado agora sob a forma de "saída organizada"; para outros a proposta seria demasiadamente vaga, abstracta não apresentando pontos concretos de actuação.

- Queremos deixar bem claro que relativamente ao primeiro tipo de críticas, que a diferença entre a proposta do MEC de "ligação do estudo ao trabalho" tramada no Gabinete, imposta aos estudantes do 1º ano e a nossa que liga a prática escolar à luta dos trabalhadores, que é controlada pelos estudantes e, portanto, assumida conscientemente, é a diferença que vai entre uma proposta tecnocrática levemente reformista e uma perspectiva revolucionária de ligação do movimento estudantil à prática anti-capitalista das classes trabalhadoras.

Para nós, organizar uma saída das escolas é neste momento a única forma de responder clara e massivamente à crise de dominação política e ideológica das classes dominantes nos aparelhos escolares.

Neste momento os estudantes não podem ficar pacificamente a estudar nas escolas (por mais à "esquerda" que seja esse estudo) enquanto lá fora, nas fábricas, nos campos, nas ruas, os trabalhadores jogam batalhas decisivas na luta pela sua emancipação. No entanto não entendemos essa saída como algo que nos afaste da reflexão teórica, da síntese científica das nossas experiências praticas.

É pensando na ligação e inter-acção destes dois aspectos que nos poderemos tentar avançar na clarificação da proposta que temos defendido. Que fique desde já claro, no entanto que nós pensamos e sempre defenderemos que é às massas estudantis à sua imaginação e capacidade de criação que compete clarificar totalmente a sua prática.

**3.** Todavia poderemos avançar desde já com algumas listas de saída, que mais do que fotocópias completas deverá servir como projectos de intervenção a ser discutidos reformulados e defendidos:

a) A saída organizada dos estudantes não deve ser entendida novamente como um estudo "in loco" duma sociedade laboratório nem como uma saída de apoio moral as lutas de trabalhadores, mas sim como uma intervenção real, activa no processo político, na luta e na construção de melhores condições de vida para os trabalhadores, na luta pela construção duma cultura popular, etc.

b) Esta saída não deve virar-se para apenas alguns sectores e actividades das classes trabalhadoras, mas deve antes fazer-se sentir em todos os locais onde é real a exploração e opressão. Assim tanto os campos, como a cidade, como as zonas marginalizadas das cinturas urbanas, são espaços onde a intervenção estudantil se deve fazer sentir, no

combate à organização capitalista da sociedade e na tentativa de construção duma cultura popular comum.

c) O trabalho manual dos estudantes apenas deve ser efectivado quando isso for decidido comumente por estudantes e trabalhadores.

d) Os locais de saída dos estudantes devem ser estudados e escolhidos previamente, depois de amplo debate e devem obedecer a uma coordenação global quer pelas escolas quer interligadas criando brigadas de intervenção comuns inter-escolas.

e) O apoio governamental a estas saídas deve ser exigido de modo a possibilitar em termos económicos a intervenção estudantil, garantindo a gratuitividade dos transportes e dos alojamentos, etc.,

f) Esta intervenção deve ser ininterrupta, combatendo assim a divisão reaccionária da existência estudantil (entre 9 meses de aulas e os 3 meses de férias) pois que se a escola puder ser uma base para a luta dos estudantes ao lado dos trabalhadores, ela não deve ser encerrada, pois a "luta das classes não vai para férias".

g) A concretização prática desta saída organizada, deverá ser estruturada a dois níveis diferentes:

1º. ligação a lutas concretas dos trabalhadores e que, portanto, não se prende diretamente com a especificidade de cada escola e que passa por:

- ligação com comités de empresas e de fábrica, comités de greve, comissões de moradores e de bairro, Juntas de Freguesia, Sindicatos ... através de processos concretos de luta, ou dum plano coordenado de acção ...

- apoio a uma campanha generalizada de luta contra os despedimentos e contra o custo de vida.

2º. ligação com as problemáticas da exploração capitalista que terá de ter em conta os conteúdos específicos do ensino em cada faculdade, instrumentalizando os seus apoios teóricos à prática quotidiana de luta das massas trabalhadoras.

Esta ligação só poderá avançar em claros termos anti-capitalistas se apontarmos para uma dupla crítica:

- crítica ao obreirismo que não se apercebe que a ideologia burguesa e reaccionária ainda está embrenhada em muitos trabalhadores e que o movimento estudantil tem efectivamente potencialidades revolucionárias.

- crítica ao paternalismo que não se apercebe que mais do que aprender os estudantes tem muito a educar-se com a prática revolucionária da classe operária e de todos os explorados e oprimidos.

**4.** A saída organizada das escolas para que não seja levada a cabo artificialmente terá que ter em conta os conteúdos específicos do ensino avançados em cada faculdade.

A. Em Direito abre-se um campo de intervenção bastante rico no domínio da criminologia, que poderá passar pela desmontagem da questão da delinquência enquanto processo eminentemente político, da questão dos delitos contra a propriedade ou contra a família, por um trabalho junto dos estabelecimentos prisionais civis que desmascare o seu papel de máquinas de opressão de classe. No papel importante poderão ter certo tipo de apoio jurídicos a sindicatos, organizações de trabalhadores, etc.

B. Em Letras cujo estudo é essencialmente virado para as questões da produção cultural e da veiculação ideológica dos valores burgueses um papel importante poderá ser o de uma dinamização cultural junto das populações nomeadamente de província, não no sentido de democratizar e massificar a cultura burguesa, mas no sentido de difundir e dar corpo a formas de expressão da cultura popular, de condensar todos os contributos que possam dar origem a um novo tipo de cultura e de valores em estrita ligação com o quotidiano da luta dos trabalhadores.

C. Nas Escolas de Economia essa ligação pode-se estruturar a partir de comissões de controle de preços e denuncia da inflacção, como jogos de apoio a Cooperativas controlados pelos trabalhadores, como denuncia teórica da exploração, apontando estudos de classes em Portugal .

D. Nas Escolas de Medicina, formação de brigada sanitária em apoio a comissão de trabalhadores e de bairro, de freguesia, fundamentalmente controladas por estes ..., desmontando a medicina liberal,...

**5.** Como dissemos atrás, estas propostas não são de modo nenhum um projecto acabado e completo, o qual se poderá sair da plena mobilização de todas as capacidades criativas e de imaginação das massas estudantis, empenhadas em romper definitivamente o isolamento para que as quer remeter o capital e em introduzir alterações decisivas no estudo e nas relações que este deve manter com os conflitos que se jogam a nível global da sociedade.

- DEFENDEMOS A ENTRADA DOS 28.000 ESTUDANTES NA UNIVERSIDADE!

- NEGAMOS O SERVIÇO CÍVICO DO MEC!

- MAS DEFENDEMOS UMA SAÍDA ORGANIZADA DE TODOS OS ESTUDANTES DAS ESCOLAS!

**NEIP**